

PRODUTIVIDADE DO ALGODÃO NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA MUDANÇA ESTRUTURAL**Isabela Romanha de Alcantara**Doutoranda em economia aplicada pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP). *E-mail:* <isabela.alcantara@usp.br>.**Roberta Vedana**Doutoranda em economia aplicada pela Esalq/USP. *E-mail:* <robertavedana@usp.br>.**José Eustáquio Ribeiro Vieira Filho**Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea; diretor de programa da Secretaria Executiva do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa); e professor do Programa de Pós-Graduação em Agronegócio da Universidade de Brasília (Propaga/UnB). *E-mail:* <jose.eustaquio@agricultura.gov.br>.DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2682>

Entre as cadeias do agronegócio brasileiro, a do algodão é uma das mais dinâmicas. Esse panorama, entretanto, não foi sempre assim. Para chegar a esse patamar, a cotonicultura passou por profundas transformações produtivas e tecnológicas.

A história recente da cultura do algodão no Brasil mostra que a ocorrência do bicudo nas plantações, a partir de meados da década de 1980, causou uma profunda crise no setor algodoeiro do país, que perdurou até os anos de 1990. A recuperação começou a ser sentida especialmente após 1995, quando a expansão produtiva na direção do Cerrado apresentou maiores níveis de eficiência técnica.

Já no final da década de 1990, o mercado algodoeiro sofreu novo revés. A distorção dos preços internacionais do algodão, provocada pelas políticas de apoio dos Estados Unidos aos seus produtores, entre o final da década de 1990 e o início da década de 2000, levou o Brasil a entrar com uma ação na Organização Mundial do Comércio (OMC), fato que ficou conhecido como o contencioso do algodão.

Em âmbito nacional, a abertura comercial brasileira contribuiu para que as restrições sobre as exportações do algodão fossem perdendo força no início dos anos 2000. A partir de então, a produção de algodão passou a apresentar uma nova dinâmica produtiva, que influenciou, sobretudo, a melhoria da competitividade no mercado internacional dessa *commodity*. Isso ocorreu, principalmente, devido à transição de um modelo intensivo

em mão de obra para o modelo empresarial, marcado pela mecanização e o uso da tecnologia.

Essas mudanças, aliadas a uma representação nacional, obtida por meio da criação da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), a partir de 1999, e do Instituto Brasileiro do Algodão (IBA), pós-2010, passaram a ditar o crescimento dos níveis de produtividade da produção algodoeira do país. Diante desse contexto, este estudo pretende, especificamente, analisar de forma mais robusta a evolução da produtividade da cultura do algodão no Brasil, entre os anos de 1974 e 2019.

Esta análise busca observar, num aspecto mais amplo, a trajetória de crescimento desse setor, que se insere em um período de transformações institucionais, abertura econômica e maior liberalização da economia, bem como de forte investimento do sistema nacional de inovação na atividade agropecuária brasileira. Os resultados aqui discutidos levantam questões importantes para o mercado de algodão e possibilitam o delineamento de políticas públicas de fomento tanto setorial quanto para a agropecuária nacional com um todo.